Recebido em: 28/02/2014 Parecer emitido em: 18/03/2014 Artigo original

MENDONÇA, L.R.; MAUERVERCK, W.S.; SALES, L.V.; NUNES, A.S.; CARNEIRO, I.S.S.; NUÑEZ, P.R.M. Análise do comportamento técnico-tático das equipes masculinas de handebol do campeonato brasileiro de seleções Brasil Olímpico de 2013. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v. 13, n. 2, p. 23-30, 2014.

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO TÉCNICO-TÁTICO DAS EQUIPES MASCULINAS DE HANDEBOL DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE SELEÇÕES BRASIL OLÍMPICO DE 2013

Larissa Resende Mendonça[1, 2]; Wesley Silva Mauerverck[1]; Leydiane Vitória Sales[1]; Alexandre Souza Nunes[1]; Isis Souza Soares Carneiro[1]; Paulo Ricardo Martins Nuñez[1, 2].

RESUMO

Introdução: No decorrer da evolução do handebol houve mudanças em sua forma de jogar e com isso os atletas passaram a desenvolver melhor os aspectos técnicos e táticos para uma maior eficiência. **Objetivo:** Analisar o comportamento técnico-tático das equipes masculinas participantes do Campeonato Brasileiro de Seleções Brasil Olímpico de 2013, realizado em Anápolis/GO. **Metodologia**: As equipes participantes foram Piauí, Goiás, Minas Gerais, Tocantins, Distrito Federal e Bahia, das quais os atletas tinham entre 16 e 17 anos. Foram utilizados como amostra do estudo onze jogos referentes ao campeonato. Para análise, os jogos foram filmados por duas filmadoras, uma para filmar uma metade da quadra e outra para a outra metade. As filmagens foram autorizadas pelos responsáveis das equipes, assinando o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Foram analisadas as seguintes variáveis: passes e recepções errados, punições tempo utilizado nos sistemas defensivos e ofensivos, gols marcados em cada sistema ofensivo e gols sofridos em cada sistema ofensivo. Os dados foram analisados por meio de uma estatística descritiva composta de frequência. **Resultados**: A partir das análises podemos verificar que a equipe do Piauí, primeiro colocado, obteve a média mais alta de passes errados, 18.33; o sistema defensivo mais usado foi o 5:1 durante 96'40'' minutos e também o que mais sofreu gols foi o 5:1, totalizando 173, dos quais 80 foram sofridos pela Bahia, última colocada; o sistema ofensivo predominante foi com 1 pivô pelo qual foram feitos 282 gols; a equipe que obteve mais punições foi Tocantins com 19 entre cartões amarelos e 2 minutos. **Conclusão**: Podemos verificar que apesar da classificação final, tanto nos aspectos técnicos quanto nos táticos, existem grandes diferenças. O resultado nos mostra que há inferioridade em alguns dados dos primeiros colocados comparados com dos últimos, considerando a eficiência das ações.

Palavras-chave: Handebol. Análise técnico-tática. Eficiência.

ANALYSIS OF TECHNICAL-TACTICAL TEAMS MEN'S HANDBALL BEHAVIOR BRAZILIAN CHAMPIONSHIP BRAZIL OLYMPIC SELECTIONS 2013

ABSTRACT

Introduction: During the development of handball was no change in their style of play and with that the athletes began to better develop the technical and tactical aspects for greater efficiency. **Objective**: To analyse the technical and tactical behaviour of male participants of the Championship teams of Brazil Olympic teams of 2013, held in Annapolis/GO. **Methodology**: The participating teams were Piauí, Goiás, Minas Gerais, Tocantins, Bahia and the Federal District, where athletes were between 16 and 17 years old. Were used as the sample study, eleven games regarding the championship. For analysis, the games were filmed by two video cameras, one for shooting a half -court and one for the other half. The footage was authorized by the responsible teams, signing the Term of Free and Informed Consent (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)). The following variables were analysed: wrong passes and receptions, while punishments used in defensive and offensive systems, goals scored in each offensive system and conceded goals in every offensive system. Data were analysed using descriptive statistics comprising frequency. **Results**: From the analysis we can see that the staff of Piauí, placed first, achieved the highest average wrong passes, 18.33; the more defensive system used was 5:1 at 96'40'' minutes and also suffered the most goals was 5:1, totaling 173, of which 80 were conceded by Bahia, placed last; was the predominant offensive system with 1 pivot by which they were made 282 goals; the team that got more punishment was Tocantins between 19 yellow cards and 2 minutes. **Conclusion:** We can see that despite the final rankings in both the technical aspects as the tactical, there are big differences. The result shows us that there is some data inferiority placegetters compared with the past, considering the efficiency of actions.

Keywords: Handball. Efficiency. Technical and Tactical Analysis.

INTRODUÇÃO

O handebol está inserido no grupo de modalidades esportivas coletivas as quais possuem espaço de jogo em comum entre as duas equipes, onde participam e disputam a posse de bola, de forma simultânea, com variações nos sistemas tanto defensivos quanto ofensivos, variações nos posicionamentos, nos aspectos fisiológicos e direcionamento de rápida modificação (SOUZA *et al.*, 2013, p. 16).

A identidade do handebol reflete-se em seus sistemas e nas ações rápidas de seus praticantes. Por conta da variabilidade, rapidez das jogadas e um espaço de jogo considerado pequeno para a quantidade de jogadores, o handebol se torna um esporte de muito contato. Para controle e regulamento das ações existem as regras que esboçam o que é permitido e o que é proibido, englobando as partes físicas, técnicas, táticas, cognitivas e motoras dos atletas Greco (1995) e Moreno *et al.* (2007), Garganta (2001) e Silva e Rose Jr (2005) apud Castro *et al.* (2013).

Conforme consta nas regras sobre o que é permitido e não permitido existem punições para cada situação. Em nosso trabalho analisamos as punições de cartão amarelo (advertência) e 2 minutos (exclusão). O cartão amarelo é aplicado ao jogador quando sua ação visa apenas o corpo do adversário, é considerado uma punição mais leve do que a punição de 2 minutos na qual o atleta fica ausente da partida por 2 minutos, pois a falta cometida por ele é considera mais grave, uma conduta antidesportiva (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL, 2014).

Para o jogo ganhar dinâmica e não ficar faltoso existem sistemas, jogadas, treinos específicos para um melhor desempenho. Lola; Tzetzis; Zetou (2012) dão importância ao desempenho individual de cada atleta, que depende de sua capacidade de movimento e de tomada de decisão, referente a sua resposta motora, caracterizada como a eficiência técnica. No contexto dessa temática Mesquita; Marques; Maia (2001) abordam eficiência e eficácia conjuntamente, pois a eficácia é o resultado obtido por meio da execução de habilidades técnicas. Ainda sobre dinâmica do jogo Greco e Benda (1998) apud Soares; Greco (2010) afirmam que a tática desenvolvida conduz a uma decisão adequada para cumprimento das situações de jogo.

ANÁLISE DO JOGO

A grande evolução dos esportes trouxe um maior nível de competitividade entre equipes e atletas. Por conta disso hoje é comum ver que muitas equipes utilizam de meios tecnológicos para aprimorar o desempenho dos atletas. Referenciamos aqui as análises feitas em treinos e jogos. Antigamente a forma de anotação ou análise das ações ocorridas era feita apenas com lápis e papel. Hoje temos diversos programas e materiais para realizar a coleta e análise dos dados. Matias; Grego (2009) apontam alguns meios de arquivar e contabilizar dados como os softwares SDIS-GSEQ e DATA MINING, utilizados para cálculos e tratamento estatístico, e Simi Scout para análise do jogo.

No trabalho de Ferreira (2008) também foram utilizados aparelhos como filmadora, computador e demais meios tecnológicos para coletas de dados e investigação dos mesmos.

Com o uso da tecnologia torna-se mais fácil e mais rápido arquivar ou procurar os dados, resultados, individual ou coletivo dos atletas.

> Estas ferramentas tecnológicas atuais auxiliam na melhor compreensão das modalidades esportivas, via registro de dados com um número maior de itens a serem observados e analisados. Além disso, dados são acessados de forma rápida. (MATIAS; GRECO, 2009).

Segundo Garganta (2001) as literaturas trazem nomeações distintas para a denominação dos estudos realizados nesse contexto de análise do jogo. As mais utilizadas são: observação do jogo (game observation), análise do jogo (match analysis) da qual recorremos para este estudo, e análise notacional (notational analysis).

Trininić e Dizdar (2000) apud Massuça (2011) afirmam que para uma evolução na qualidade de performance, técnicos e treinadores devem utilizar como critério de avaliação situações que simulam uma partida, que pode ser o treino, e os jogos em si.

Esses meios tecnológicos, para arquivar os resultados, trazem uma vantagem em relação ao adversário, pois proporciona uma riqueza de detalhes que podem ser decisivos numa partida, como numa quebra de recorde. Dessa forma, como aponta Menezes; Reis (2010, p.458) "Alguns detalhes em competições dessa importância passariam despercebidos se não fossem as análises realizadas por laboratórios de pesquisas,

que adotam metodologias minuciosas de investigação esportiva [...]".

Sobre a importância da análise do jogo Matias; Greco (2009) abordam que é uma forma de rever e analisar o comportamento de uma equipe após uma partida e tem como objetivo identificar se os métodos utilizados são eficazes, se a técnica e ou a tática executadas obtiveram êxitos ou falhas, e assim buscar uma eficácia nas suas execuções.

TÉCNICA E TÁTICA ESPORTIVA

O handebol como os demais esportes, traz consigo aspectos técnicos e táticos. Nesse esporte acontecem jogadas rápidas e por esse motivo ocorre muito contato físico. Por conta disso se uma equipe não tiver um bom preparo técnico e tático acontecerão muitos erros, o que acarretará numa derrota ou num resultado desejado não alcançado. Para melhor entendimento da técnica e tática, abordaremos alguns conceitos encontrados nas literaturas.

O nível técnico-tático dos atletas pode estar influenciado com o aprendizado que ele teve no início de sua prática esportiva. Partindo dessa perspectiva Greco (2012) propõe que se tenha uma iniciação do processo aprendizagem das modalidades a partir da compreensão tática dos esportes, pois parte-se da hipótese da intenção do praticante querer praticar uma modalidade, e somente depois disso desenvolver a competência técnica.

A técnica é vista a partir da resposta motora, de como fazer, e a tática as razões de fazer (GARGANTA, 1995 apud FERREIRA, 2008) e ainda Garganta (2004) apud Matias (2009) afirma que a capacidade de realizar uma ação técnica influencia na escolha de uma opção tática.

Algumas literaturas trazem a tática dividida em individual, de grupo e coletiva. Apesar dessa divisão, ambas possuem o mesmo sentido de executar determinada ação corretamente, com êxito, a fim de conseguir um resultado eficiente na competição. Para Gama; Godoi; Santos (2009) a tática é um conjunto de ações estratégicas que se entende por característica e objetivos aptos para a competição.

Após explanação dos conceitos de técnica e tática firmamos que para um bom desempenho de uma equipe é necessário que haja um equilíbrio entre os aspectos técnicos e táticos, pois uma jogada é eficiente se os atletas tiverem uma boa técnica individual.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho atende as "Diretrizes e Normas Regulamentares de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos" da Resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde. Foi solicitada a autorização à Confederação Brasileira de Handebol para a coleta de dados e entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ao coordenador do campeonato e aos técnicos responsáveis.

Delineamento da pesquisa: trata-se de um estudo de corte transversal, descritivo, quantitativo. (THOMAS; NELSON, 2002).

Grupo amostral: foram utilizados como amostra 11 (onze) jogos referentes ao Campeonato Brasileiro de Seleções Brasil Olímpico, realizado em Anápolis/GO, com participação das equipes dos estados de Bahia (BA), Goiás (GO), Distrito Federal (DF), Minas Gerais (MG), Piauí (PI) e Tocantins (TO).

Instrumentos para coleta de dados: os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: formulário específico de análise técnica e tática, cronômetro, quatro filmadoras da marca Mirage, dois tripés e dois cartões de memória.

Procedimentos para coleta de dados: foi colocada uma filmadora em cada metade da quadra, no piso superior do ginásio, posicionadas ao plano sagital com distância mínima para, que as ações fossem visualizadas na íntegra. Após as filmagens, as variáveis selecionadas foram analisadas diretamente pela pesquisadora durante dois meses. Para maior clareza da observação, os vídeos foram pausados e retrocedidos quando necessário. Para análise dos dados táticos referente ao tempo de utilização de cada sistema, foram considerados para o sistema ofensivo o momento no qual a equipe ultrapassava a linha central da quadra e para o sistema defensivo o momento em que a equipe estava posicionada defensivamente. Terminadas as análises os dados das variáveis foram separados em quadros, no programa de computador Microssoft Word 2010, contendo a quantidade total de cada ação técnica e tática.

Procedimentos estatísticos: foram analisados os itens referentes a aspectos técnicos: passe errado, recepções erradas e punições; e táticos: tempo utilizado por cada sistema defensivo, tempo utilizado por

cada sistema ofensivo, gols sofridos por cada sistema defensivo e gols marcados por cada sistema ofensivo. Para o estudo estatístico dos dados coletados, foram analisados os jogos utilizando a média dos valores e a transcrição dos resultados em tabelas.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

A tabela 1 nos mostra o total e média de: passes errados, que neste trabalho é conceituado como quando a bola não chega em seu destino pré-determinado pelo jogador que o realiza; recepção errada com perda de bola que consideramos quando um atleta ao receber a bola não a domina e a perde para o adversário; e recepção errada sem perda de bola que é apontada neste trabalho como quando o jogador não domina a bola no momento da recepção, porém ele mesmo recupera a bola ou outro membro de sua equipe.

Tabela 1. Total de passes e recepções erradas sem e com perda de posse de bola.

	GO		PI		MG		DF		TO		BA	
	T	$\overline{X}$	**T**	$\overline{X}$	**T**	$\overline{X}$	**T**	$\overline{X}$	**T**	$\overline{X}$	**T**	$\overline{X}$
PE	15	7.5	55	18.3	24	8	62	15.5	68	13.6	82	16.4
RECPB	4	2	9	3	9	3	15	3.75	21	4.2	26	5.2
RESPB	2	1	15	5	6	2	18	4.5	22	4.4	32	6.4
NºJ	**2**		**3**		**3**		**4**		**5**		**5**	

PE – Passe Errado; RECPB – Recepção Errada Com Perda de Bola; RESPB – Recepção Errada Sem Perda de Bola; T – Total; – Média; NºJ – Número de Jogos.

Interpretando a tabela percebemos que Piauí, primeiro colocado, foi a equipe que obteve a maior média de passes errados e maior média de recepções erradas, em relação as outras duas primeiras colocadas. Para entender essa média elevada de erros deve-se ressaltar que Piauí foi a única equipe que utilizou do sistema defensivo de marcação individual, e que principalmente por esse motivo pode-se notar tantos erros. Isso pelo fato de que quando esse time adquiria a posse de bola, por roubar a bola ou por erro adversário, no momento em que o adversário estava no ataque, ao tentar o passe para ligar um contra-ataque rápido, o jogador tinha sua visão atrapalhada ou pouco espaço para trabalhar a bola, porque o adversário que ele estava marcando passou a marcar ou tentar marcá-lo. Em relação as demais equipes a quantidade de erros está correlacionada a classificação, as primeiras colocadas tiveram média de erros menor do que as últimas.

A tabela 2 exibe o total de punições entre cartões amarelos e 2 minutos. O cartão amarelo é considerado uma falta mais leve em relação a 2 minutos.

Verificando os dados da tabela percebemos que a equipe primeira colocada obteve a menor média de punições e a segunda e terceira colocadas obtiveram a maior média de punições. Comparando com estudos de Andaki Junior *et al.,* (2009), que mostra uma média de 3.5 exclusões por partida, nosso estudo mostra uma média semelhante de 3.8 exclusões, ambos estudos mostram uma média bem abaixo da média por jogo dos campeonatos mundiais, onde as cinco edições que aconteceram de 2005 a 2013 a média mais baixa foi 7.9 exclusões. A quantidade de punições recebidas pelas equipes pode ser relacionada a falta de preparação técnica, quando na ação de defensor não efetua o gesto técnico corretamente podendo resultar numa falta mais grave. O aperfeiçoamento da técnica muitas vezes é trabalhado com exercícios repetitivos, o que pode proporcionar um domínio do movimento, evitando assim a demasiada quantidade de punições. Porém isso não é visto pelo atleta como algo prazeroso e o resultado disso pode se tornar numa desmotivação do atleta, pois o que ele pretendia era jogar e não realizar algo monótono exaustivamente.

Tabela 2. Total de punições, cartão amarelo e 2 minutos.

	GO		PI		MG		DF		TO		BA	
SD	**CA**	**2MIN**	**CA**	**2MIN**	**CA**	**2MIN**	**CA**	**2MIN**	**CA**	**2MIN**	**CA**	**2MIN**
6:0	6	3	1	-	1	3	-	-	2	6	-	-
5:1	-	1	3	1	4	4	10	4	-	1	6	9
5+1	-	-	-	-	-	-	-	1	4	5	-	-
5:0	-	-	-	-	2	1	-	-	1	-	-	2
4:2	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-
4+2	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-
MI	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
T	**6**	**4**	**5**	**1**	**7**	**8**	**11**	**6**	**7**	**12**	**6**	**11**
NºJ	**2**		**3**		**3**		**4**		**5**		**5**	

SD – Sistema Defensivo; CA – Cartão Amarelo; 2MIN – 2 Minutos; MI – Marcação Individual; T – Total; NºJ – Número de Jogos.

A tabela 3 apresenta o total de tempo utilizado e total de gols sofridos por cada equipe nos sistemas defensivos utilizado por elas.

Tabela 3. Total de tempo utilizado e total de gols sofridos em cada sistema defensivo.

	GO		PI		MG		DF		TO		BA	
SD	**T**	**GS**	**T**	**GS**	**T**	**GS**	**T**	**GS**	**T**	**GS**	**T**	**GS**
6:0	41’5’’	26	7’50’’	11	16’32’’	11	5’20’’	1	24’51’’	28	1’2’’	4
5:1	-	-	27’36’’	29	32’53’’	23	47’18’’	34	3’42’’	7	52’53’’	80
5+1	50’’	-	-	-	1’41’’	1	4’59’’	2	37’43’’	38	-	-
5:0	2’6’’	2	2’46’’	1	5’39’’	5	5’27’’	2	3’46’’	10	4’42’’	10
4:2	-	-	5’28’’	3	-	-	54’’	2	-	-	-	-
4+2	-	-	-	-	-	-	2’44’’	2	-	-	-	-
MI	-	-	3’42’’	11	-	-	-	-	-	-	-	-
NºJ	**2**		**3**		**3**		**4**		**5**		**5**	

SD – Sistema Defensivo; T – Tempo; GS – Gols Sofridos; MI – Marcação Individual; NºJ – Número de Jogos.

Assim como o trabalho de Andaki Junior *et al.,* (2009) o nosso mostra que os sistemas de defesa 6:0 e 5:1 foram os mais utilizados, porém em nossa pesquisa o sistema 5:1 teve uma supremacia, diferente do estudo acima citado em que o 6:0 foi o mais usado. Desses sistemas defensivos que possuem maior frequência de uso, o sistema defensivo 6:0 foi mais utilizado pela equipe de Goiás, durante 41’5’’, e o sistema defensivo 5:1 foi mais usado pelo Distrito Federal durante 47’18’’. Um ponto importante a ressaltar desses resultados é que nenhuma equipe utilizou-se do sistema 3:2:1. Acreditamos que o motivo pelo qual as seleções do campeonato não tenham usado essa defesa é pelo fato de que ela é a mais complexa dos sistemas defensivos, exigindo melhor preparação tática e maior experiência dos atletas, principalmente se a preparação não foi iniciada nas categorias menores.

Podemos notar que o sistema defensivo mais usado foi o que sofreu mais gols. A Bahia foi a equipe que mais sofreu gols totalizando 184, dos quais 94 foram sofridos pelos sistemas defensivos (6:0, 5:1 e 5:0). Porém o número mais considerável é que dos 184 gols sofridos, 90 foram marcados por contra-ataque das equipes adversárias, o que mostra que a referente equipe precisa melhorar seu sistema tático de transição entre ataque e defesa.

A tabela 4 nos mostra o tempo total e total de gols marcados em que cada sistema ofensivo foi utilizado e em inferioridade numérica.

Tabela 4. Total de tempo utilizado e total de gols marcados em cada sistema ofensivo e em inferioridade numérica.

	GO		PI		MG		DF		TO		BA	
SO	**T**	**GM**	**T**	**GM**	**T**	**GM**	**T**	**GM**	**T**	**GM**	**T**	**GM**
1P	16'10''	33	29'23''	47	45'44''	49	39'8''	48	51'3''	57	63'52''	48
2P	-	-	1'33''	3	59''	3	6'59''	10	14'20''	15	11'18''	10
IN	2'14''	4	7'35''	3	1'45''	4	8'6''	5	9'8''	12	7'	6
NºJ	**2**		**3**		**3**		**4**		**5**		**5**	

SO – Sistema Ofensivo; T – Tempo; GM – Gols Marcados; 1P – 1 Pivô; 2P – 2 Pivôs; IN – Inferioridade Numérica; NºJ – Número de Jogos.

Observamos que o sistema ofensivo mais utilizado por todas as equipes foi o com 1 pivô, sendo assim o que teve maior número de gols entre os sistemas. A Bahia foi a equipe que ficou mais tempo no ataque utilizando o sistema com 1 pivô, no entanto teve a menor média de gols marcados, 9.6 gols, durante o uso desse sistema. A equipe de Goiás obteve a maior média de gols utilizando o sistema com 1 pivô.

A tabela 5 nos mostra os valores encontrados sobre o sistema defensivo e o sistema ofensivo mais utilizado e o menos utilizado, total geral de passes errados e recepções erradas de cada equipe, total de gols marcados e sofridos.

Tabela 5 – Relação entre as variáveis avaliadas de maior e menor utilização com a classificação final do campeonato.

	CLASSIFICAÇÃO FINAL					
	1º	**2º**	**3º**	**4º**	**5º**	**6º**
	PI	**GO**	**MG**	**TO**	**DF**	**BA**
SD	**+ >** 5:1- 27'36''	**+ >** 6:0 – 41'5''	**+ >** 5:1 – 32'53''	**+ >** 5+1 – 37'43''	**+ >** 5:1 – 47'18''	**+ >** 5:1 – 52'53''
	- < 5:0 – 2'46''	**- <** 5+1 – 50''	**- <** 5+1 – 1'41''	**- <** 5:1 – 3'42''	**- <** 4:2 – 54''	**- <** 6:0 – 1'2''
SO	**+ >** 1P – 29'23''	**+ >** 1P – 16'10''	**+ >** 1P – 45'44''	**+ >** 1P – 51'3''	**+ >** 1P – 39'8''	**+ >** 1P – 63'52''
	- < 2P – 1'33''	**- <** IN – 2'14''	**- <** 2P – 59''	**- <** IN – 9'8''	**- <** 2P – 6'59''	**- <** IN – 7'
PE	55	15	24	68	62	82
RE	24	6	15	43	33	58
GM	106	70	90	140	112	92
GS	79	34	56	146	111	184
NºJ	**3**	**2**	**3**	**5**	**4**	**5**

SD – Sistema Defensivo; SO – Sistema Ofensivo; PE – Passe Errado; RE – Recepção Errada; GM – Gols Marcados; GS – Gols Sofridos; + – Mais utilizado; > – Maior tempo; - – Menos utilizado; < – Menor tempo; 1P – 1 Pivô; 2P – 2 Pivôs; IN – Inferioridade Numérica; NºJ – Número de Jogos.

A respeito do sistema defensivo observamos que as equipes primeira colocada e última colocada tiveram como principal sistema de marcação o 5:1. A seleção da Bahia foi a equipe que mais tempo esteve no ataque utilizando o sistema com 1 pivô totalizando 63'52'', um tempo maior em relação a equipe de Tocantins que teve a mesma quantidade de jogos filmados. Essas mesmas seleções tiveram a mesma quantidade de jogos e a equipe de Tocantins marcou quase 50 gols a mais que Bahia.

A média de gols marcados por jogo foi de 55.4, dois gols a mais do que a média de 53.4 gols marcados no campeonato da Europa de 2012 (RIBEIRO, 2013). Isso mostra que os atletas das equipes participantes do nosso estudo são capazes de manter o mesmo nível de eficiência ofensiva apresentado pelos jogadores profissionais do campeonato da Europa, mesmo sendo da categoria juvenil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados encontrados das análises técnico-táticas dessa pesquisa, encontramos diferenças significantes das variáveis analisadas entre as equipes. A equipe de Piauí, primeira colocada, teve a maior média de passes errados e a equipe de Tocantins marcou muito mais gols do que a equipe da Bahia, com a mesma quantidade de partidas analisadas.

A equipe de Tocantins, Distrito Federal e Bahia estiveram em inferioridade numérica em total de tempo aproximado, no entanto a equipe de Tocantins apresentou maior eficiência ao marcar mais gols, com uma média de 2.4 gols por partida.

Observamos que a equipe da Bahia, última colocada, apresentou uma qualidade técnica e tática inferior às demais equipes. Podemos afirmar isso, pois foi a equipe que apresentou a segunda maior média de passes errados, sofreu mais gols, teve a menor média de gols marcados e em demais aspectos, que puderam ser observados, apresentou uma eficiência menor. Numa partida essa equipe marcou apenas 7 gols e sofreu 37.

Apenas a equipe de Piauí marcou com o sistema defensivo de marcação individual. Podemos notar que essa equipe não possui uma técnica e tática um tanto eficiente para trabalhar com esse sistema defensivo, visto que sofreu a mesma quantidade de gols que o sistema defensivo 6:0, que foi utilizado aproximadamente dobro do tempo, do que a marcação individual.

Tecnicamente Goiás foi a equipe que apresentou melhor eficiência técnica, com média de 7.5 passes errados e média de 3 recepções erradas.

De acordo com os resultados encontrados, podemos concluir que algumas equipes apresentaram um desempenho técnico melhor que o tático, outras uma melhor tática do que técnica e outras mantiveram um equilíbrio de eficiência entre os dois aspectos.

Após explanação do conteúdo e apresentação dos dados sugerimos que seja feito um trabalho conjunto entre aspectos técnicos e táticos, pois um depende do outro. Se algumas equipes tivessem apresentado um equilíbrio entre técnica e tática poderiam ter ficado numa colocação melhor, algo que não foi possível porque possuíam ou não eficiência em algum dos aspectos. Como verificamos nas literaturas, a ação técnica influencia na ação tática que será bem trabalhada, sucedida, se tiver uma técnica eficiente.

Para um bom trabalho técnico-tático é importante que os técnicos façam análises desses aspectos para posteriormente verificar o que pode ser melhorado, o que fazer e como fazer, para conseguir um bom desempenho na partida.

REFERÊNCIAS

ANDAKI JUNIOR, R. *et al*. Comportamento defensivo das equipes masculinas finalistas da Liga Petrobrás de Handebol 2005. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea paulista/SP, v. 8, n. 1, p. 83-89, 2009.

CASTRO, H. de O. *et al.* Eficácia do saque nas categorias de base do voleibol de Minas Gerais. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea paulista/SP, v. 12, n. 1, p. 90, 2013.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL. **Regras do Jogo**. Disponível em: <http://www.brasilhandebol.com.br/noticias_detalhes.asp?id=27182&moda=007&area=&ip=1>. Acesso em: 20 fev. 2014.

FERREIRA, C. R. **Análise técnico – tática de handebol de equipes da categoria cadete**. 2008. 64 s. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GAMA, D.F.; GODOI, D.; SANTOS, W. Utilização do scout por equipes que participaram das Olimpíadas Universitárias (Jub's) e Liga Nacional de handebol feminino e masculino em 2008. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea paulista/SP, v. 8, n. 1, 2009. Disponível em: <http://www.fontouraeditora.com.br/periodico/vol-8/Vol8n1-2009/Vol8n1-2009-pag-211a218/Vol8n1-2009-pag-211a218.html>. Acesso em: 12 ago. 2013.

GARGANTA, J.A análise da performance nos jogos desportivos: revisão acerca da análise do jogo. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 1, n. 1, 2001, p. 57. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:ySkJZUG7bhkJ:xa.yimg.com/kq/groups/24818268/1619378515/name/artigo_an...PDF+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 14 set. 2013.

GRECO, P.J. Metodologia do ensino dos esportes coletivos: iniciação esportiva universal, aprendizado incidental – ensino intencional. **Revista Mineira de Educação Física**, v. 20, n. 2, 2012, p. 151. Disponível em: <http://www.mediafire.com/view/daqtccauauacd6s/09_Metodologia_ensino_esportes_-_Pablo.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2013.

LOLA, A.C.; TZETZIS, G.C.; ZETOU, H. The effect of implicit and explicit practice in tne development of decision making in volleyball serving. **Perceptual and Motor Skills**, v. 144, n. 2, p. 665-678, 2012.

MASSUÇA, L.M. Expertise evaluation of technical and tactical proficiency in handball: differences between playing status. In: Frantisek Taborsky (org.). EHF Scientific Conference 2011: **Science and analytical expertise in handball** (Scientific and practical approaches). Vienna: EHF Methods Commission, 2011, 282 – 286. Disponível em: <http://ebook.eurohandball.com/EHF%20Scientific%20Conference%202011/html/1.html>. Acesso em: 20 jan. 2014.

MATIAS, C.J.A.S. **O conhecimento tático declarativo e a distribuição de jogo do levantador de voleibol: da formação ao alto nível**. 2009. 260 s. Dissertação (Pós Graduação) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MATIAS, C.J.A. da S.; GRECO, P.J. Análise de jogo nos jogos esportivos coletivos: a exemplo do voleibol. **Pensar a Prática**, v. 12, n. 3, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/6726/6199>. Acesso em: 31 jul. 2013.

MENEZES, R.P.; REIS, H.H.B. Análise do jogo de handebol como ferramenta para sua compreensão técnico-tática. **Motriz**, Rio Claro/SP, v. 16, n. 2, p. 458-467, abr./jun. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2760/3002>. Acesso em: 21 set. 2013.

MESQUITA, I; MARQUES, A; MAIA, J. A relação entre a eficiência e a eficácia no domínio das habilidades técnicas em Voleibol. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 1, n. 3, p. 33-9, 2001. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:2ftFs0w3GCgJ:www.fade.up.pt/rpcd/_arquivo/artigos_soltos/vol.1_nr.3/05.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 17 ago. 2013.

RIBEIRO, M. **Análise comparativa dos campeonatos europeus**. European Handball Federation. (Estatística Campeonato), 2013. 28 diapositivos, color.

SOARES, V.O.V., GRECO, P.J. A análise técnica-tática nos esportes coletivos: "por que, "o quê", e "como". **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 9, n. 2, p. 3-9, 2010.

SOUZA, P.R.C. *et al.* A incidência do contra-ataque nas fases finais do Campeonato Europeu 2010 de Futsal. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea paulista/SP, v. 12, n. 1, p. 16, 2013.

THOMAS, J.R.; NELSON, N.K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

---

[1] Curso de Educação Física do Campus Universitário do Araguaia – UFMT.
[2] Grupo de Estudo e Pesquisa em esportes coletivos – GEPEC/UFMT/CNPq.
* Agradecemos a Confederação Brasileira de Handebol pela oportunidade de contribuir com o handebol brasileiro.

Rua Carajás, 398
Centro
Barra do Garças/MT
78600-000